

PT.010**ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO NA PROFILAXIA DA RAIVA NA 15ª CRES – CRATEÚS/CE, NOS ANOS DE 2009, 2010 e 2011.**Dennis DFCM¹ – ^{115ª} Coordenadoria Regional de Saúde Crateús

As mordeduras causadas por animais são motivo de grande preocupação devido a possibilidade de transmissão de zoonoses, principalmente raiva. Este estudo descritivo quantitativo foi realizado na 15ª CRES – Coordenadoria Regional de Saúde – Crateús, formada por onze municípios: Ararendá, Crateús, Independência, Iporanga, Ipueiras, Monsenhor Tabosa, Nova Russas, Novo Oriente, Poranga, Quiterianópolis e Tamboril. Os dados foram coletados através da ficha mensal de profilaxia da raiva, enviada pelos municípios a CRES até o quinto dia útil de cada mês com dados referentes ao mês anterior. No ano de 2009, foram atendidas 577 pessoas, das quais 87,9% receberam tratamento, no ano de 2010, foram 587 pessoas atendidas com 89,6% de tratamentos, já em 2011, foram 812 atendimentos com 93,3% de tratamentos. Quanto as mordeduras, no ano de 2009, os cães foram responsáveis por 69,2% do total e os gatos por 19,2%, no ano de 2010, cães foram 71% e os gatos 19,2%, em 2011 os cães foram 72,4% e gatos 21,4%, sendo que as demais mordeduras foram causadas por primatas, morcegos, raposas, bovinos e equinos. A quantidade de cães e gatos observados pela quantidade destes animais agressores foi de 40,2%, 44,5% e 46,3%, respectivamente nos anos estudados. O número de atendimentos nos anos é bastante elevada e vem apresentando aumento. Os dados também nos revelam que os cães são os principais agressores, seguido pelos gatos, com quantidade de animais agressores observados ascendente. O fato de animais domésticos serem os agressores mais significativos não justifica o alto percentual de tratamentos anti-rábico humano, mostrando a necessidade de capacitação de médicos e enfermeiros em atendimento profilático, bem como uma maior integração entre ESF e os profissionais de controle de zoonoses na indicação de tratamento.

PT.011**TITULAÇÃO DE ANTICORPOS NEUTRALIZANTES DE VÍRUS DA RAIVA DOS DOCENTES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG), CAMPUS JATAÍ.**

Meirelles-Bartoli RB¹, Cruz CA¹, Sousa DB¹, Assis LN², Costa KD³, Cruz EG³, Rezende Júnior SA⁴, Barcelos AA⁵ – ¹Docente da Universidade Federal de Goiás / Campus Jataí – Laboratório de Sanidade Animal, ²Aluna do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí, ³Aluna do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí, ⁴Técnico do Laboratório de Análise Clínica Veterinária da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí, ⁵Técnico de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Campus Jataí

A profilaxia da raiva humana pode ser feita pré ou pós-exposição ao vírus. A profilaxia pré-exposição, realizada com vacinas, é indicada para as pessoas que, devido à atividade profissional, correm o risco de exposição ao vírus, como veterinários, pesquisadores, professores e alunos que trabalham com animais potencialmente infectados com o vírus da raiva. A profilaxia pós-exposição é indicada para as pessoas que acidentalmente se expuseram ao vírus; combina a limpeza da lesão e a administração da vacina, isoladamente ou em associação com o soro ou a imunoglobulina humana anti-rábica. O objetivo do trabalho foi avaliar o perfil sorológico de anticorpos neutralizantes de vírus da raiva dos docentes do curso de Medicina Veterinária da Universidade

Federal de Goiás, Campus Jataí. Foram coletados 5 mL de sangue de 17 professores e encaminhado para o Instituto Pasteur 2 mL de soro congelado de cada amostra em microtubos acondicionados em caixa de isopor com gelo reciclável mantendo uma temperatura entre 4º a 8º graus. Todas as amostras estavam devidamente identificadas e acompanhadas de ficha de requisição. O Microteste Simplificado de Inibição de Fluorescência foi utilizado pelo Instituto Pasteur para a titulação dos anticorpos. Das 17 amostras, 07 (41,2%) apresentaram titulação satisfatória ($\geq 0,5$ UI/mL) e 10 (58,8%) insatisfatória ($< 0,5$ UI/mL). Por meio da ficha epidemiológica foram observadas algumas características em relação à profilaxia da raiva recebida por estes professores. Dos 17 docentes, 12 (70,6%) receberam profilaxia pré-exposição durante o curso de Medicina Veterinária e 05 (29,4%) já haviam recebido profilaxia pós-exposição antes da faculdade. Dos 12 professores que receberam a profilaxia pré-exposição, 01 (8,3%) relatou realizar exames de sorológicos anualmente, 04 (33,4%) confirmaram ter recebido dose reforço sem a realização de sorologia prévia e os outros 07 (58,3%) disseram nunca ter recebido uma dose reforço e nem ter realizado sorologia. Os 05 docentes que realizaram profilaxia pós-exposição receberam soro-vacinação, sendo que, 02 (40%) também receberam o esquema de profilaxia pré-exposição no momento que entraram na faculdade, sem realização de sorologia prévia; 01 (20%) disse nunca ter realizado sorologia e nem tomado dose reforço; 01 (20%) comentou ter feito um novo tratamento pós-exposição (sorovacinação), mas nunca realizado um exame sorológico; e 01 (20%) relatou que assim que entrou no curso de Medicina Veterinária comunicou já ter realizado profilaxia pós-exposição, e que faz monitoramento sorológico periodicamente, recebendo dose reforço somente quando apresenta titulação insatisfatória. Desta forma, podemos concluir que existe a necessidade de alertar e estimular a realização de sorologias periódicas e prévias à dose reforço para que estes profissionais não sejam expostos a reações adversas pelo recebimento de tratamentos desnecessários. Agradecimento ao Instituto Pasteur pela realização das titulações.

PT.012**ESTUDO COMPARATIVO DA OCORRÊNCIA DE RAIVA EM HERBÍVOROS E ATENDIMENTOS ANTIRRÁBICOS HUMANOS NA REGIÃO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO NO PERÍODO DE 1999 A 2011**

Bocchi MR^{1,2}, Paulino FS¹, Tomé MFA¹ – ¹Fatec Rio Preto – Faculdade de Tecnologia em Agronegócio, ²Grupo de Vigilância Epidemiológica ²⁹ – SJRP

A raiva, que nos bovinos se manifesta de forma paralítica, acarreta grandes prejuízos aos pecuaristas. No homem pode caracteriza-se por uma encefalite de alta letalidade. O objetivo deste trabalho foi estudar a distribuição temporal e geográfica da raiva em herbívoros e dos atendimentos antirrâbicos humanos na região de São José do Rio Preto. As fontes de dados foram Grupo de Vigilância Epidemiológica e Escritórios de Defesa Agropecuária, a tabulação foi feita utilizando Excel e o mapeamento utilizando programas *TrackMaker* e *Google Earth*. Os resultados mostraram que o número de AARHs (Atendimentos Antirrâbicos Humanos) por contato com herbívoros seguem padrões mensais semelhantes ao longo dos anos, com aumento em fevereiro/abril e setembro/outubro e o mesmo padrão ocorre com nos focos em herbívoros. A notificação de raiva em herbívoros ocorreu em 1999, 2000, 2003, 2006, 2007, 2008, 2010 e 2011, próxima a cursos d'água e área antropizada. Foram encontrados 25 propriedades com focos de raiva (bovinos/equinos) totalizando 57 animais em 14 municípios. Evidenciase correlação entre aumento de casos de raiva em herbívoros seguido de aumento do número de pessoas tratadas.

Estes aumentos podem coincidir com períodos de aumento de pluviosidade, cheias de rios e melhoria de pastagem. O coeficiente de incidência demonstrou uma grande variabilidade, dados que nos direcionam a novas pesquisas, assim como a falta do dimensionamento dos prejuízos econômicos e subnotificação de casos. Essa dificuldade em contabilizar os casos, somados às várias fontes de informação dificulta a obtenção de dados. Conclui-se que a raiva causa perdas econômicas e risco à saúde pública, porém não estimados. A ocorrência de raiva em herbívoros e atendimentos antirrábicos humanos coincide e apresenta aumentos nos períodos de fevereiro a março e setembro a outubro. Há relação dos casos com o mapa hidrográfico da região, direcionando a pesquisas a respeito dos fatores condicionantes. É difícil padronizar dados de diversas fontes, sugere-se a criação de banco de dados que permita compartilhar as informações entre as instituições.

PT.013

AVALIAÇÃO DE QUIRÓPTEROS POSITIVOS PARA RAIVA E SITUAÇÃO VACINAL DOS GATOS NO BLOQUEIO DE FOCO DE BOTUCATU-SP, EM UM PERÍODO DE 5 ANOS

Carvalho VM^{1,2,3,4,5} – ¹Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – UNESP Campus Botucatu – Depto de Higiene Veterinária e Saúde Pública, ²Prof. Dr. Cassiano Victória – Depto de Higiene Veterinária e Saúde Pública, ³Prof. Dr. Carlos Roberto Padovanni – Depto de Bioestatística, ⁴Gabriella Koppány González – Equipe de Vigilância Ambiental em Saúde, Prefeitura de Botucatu, ⁵Valdinei Moraes Campanucci da Silva – Equipe de Vigilância Ambiental em Saúde, Prefeitura de Botucatu

Palavras Chave: Quirópteros – Felinos – Raiva

Introdução: O presente trabalho avaliou a situação do risco de transmissão da Raiva em felinos levando-se em consideração a incidência de quirópteros positivos para a Raiva e o percentual da cobertura vacinal em gatos nas áreas de Bloqueio de Foco no município de Botucatu-SP, através de um estudo retrospectivo no período de 2005 à 2009. Para análise foram utilizados os relatórios de bloqueio de foco fornecidos pela Equipe de Vigilância Ambiental em Saúde (EVAS) da Prefeitura Municipal de Botucatu. **Resultados e Discussão:** No período avaliado, constatou-se 9 casos de quirópteros positivos para Raiva no município, de 4 espécies diferentes. Durante os 5 anos de Bloqueio de Foco, 10.625 residências foram visitadas e avaliado a situação vacinal e idade de 5.103 cães e 980 gatos. Posteriormente os dados levantados pelo Bloqueio de Foco foram comparados com os resultados obtidos na Campanha de Vacinação Antirrábica no mesmo período, para avaliar se os felinos domiciliados no perímetro do Foco estavam corretamente imunizados contra Raiva e se há risco real de transmissão da doença. **Conclusão:** Considerando que a média da cobertura vacinal nas Campanhas Antirrábicas no período de 2005 à 2009 foi 52,65%, índice abaixo do preconizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e que na avaliação do estado vacinal dos gatos conferidos pelo Bloqueio de Foco indicam que 92% dos felinos não estavam previamente imunizados, concluindo que há risco de reintrodução da Raiva em humanos através do ciclo: quirópteros – felinos – humanos, caso as Campanhas de Vacinação não atinjam a Meta Vacinal para gatos no Município de Botucatu. **Agradecimentos:** Ao Depto de Higiene e Saúde Pública da FMVZ – Unesp Campus Botucatu, a Equipe de Vigilância Ambiental em Saúde da Prefeitura de Botucatu – SP e a agência FAPESP pelo financiamento da pesquisa.

PT.014

MONITORAMENTO DE MORCEGOS (QUIROPTERA) COMO ESTRATÉGIA DE VIGILÂNCIA DA CIRCULAÇÃO DO VÍRUS DA RAIVA NO RIO GRANDE DO SUL

Witt AA¹, Donini MAW, Predebon J, Diedrich G, Prato R – ¹Centro Estadual de Vigilância em Saúde/RS – Programa Estadual de Controle e Profilaxia da Raiva

Morcegos são animais comuns em áreas urbanas no Rio Grande do Sul, principalmente em grandes cidades. Atualmente, dentre os animais sinantrópicos observados nessas áreas os morcegos são, provavelmente, os que causam maior preocupação por parte das autoridades de saúde pública. Segundo o Ministério da Saúde, desde 2004, os morcegos são os principais agentes na disseminação do vírus da raiva no Brasil. Diante desse cenário, a Secretaria Estadual de Saúde através do Centro Estadual de Vigilância em Saúde (CEVS), instituiu o Programa de Monitoramento de Morcegos, com o objetivo de estudar a importância dos quirópteros no ciclo urbano da raiva. O monitoramento de raiva através de amostras de morcegos era realizado até o ano de 2011, de forma passiva, onde os morcegos encontrados em situações não habituais (caídos no chão, dentro de casa, etc.), eram enviados para investigação laboratorial sem terem sido identificadas e catalogadas as espécies envolvidas neste processo. Sendo assim, o CEVS passou então a identificar e catalogar os animais enviados pela população, com o objetivo de traçar estratégias para o manejo de morcegos em áreas urbanas no Estado. Além disto, foi estabelecida rotina para coleta de morcegos, para obtenção de amostras de saliva, sangue e tecido cerebral de indivíduos em colônias de diversas regiões do Estado. A maior parte dos morcegos é anilhada e solta para verificar deslocamentos entre cidades e regiões positivas para raiva. No ano de 2011 foram enviadas para análise 268 amostras de quirópteros, das quais apenas seis indivíduos de morcegos nãohematófagos resultaram positivos. A maioria das amostras de morcegos pertence à família Molossidae, onde se observam espécies bem adaptadas à vida nas cidades. Com base neste monitoramento o Rio Grande do Sul está investindo na prevenção e investigação da circulação do vírus rábico nas áreas urbanas, onde atualmente, o morcego é considerado o principal agente transmissor.

PT.015

DETECTION OF B LYMPHOCYTES IN THE CENTRAL NERVOUS SYSTEM OF CATTLE AND HORSES NATURALLY INFECTED WITH RABIES VIRUS.

Achkar SM¹, Fernandes ER¹, Carrieri ML¹, DUARTE MIS² – ¹Instituto Pasteur – Laboratório de Diagnóstico da Raiva, ²Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – Departamento de Patologia

Humoral immunity has an essential protective function in the course of rabies virus infection. Virus-neutralizing antibodies, under the control of T helper cells, play a critical role in immunoprotection. Therefore, our aim was to detect the presence of B lymphocytes in samples of central nervous system (CNS) from cattle and horses and compare the findings between species. For this were selected four samples of cattle and four samples of horses. Fragments CNS (cortex, hippocampus, cerebellum and brain stem) were analyzed by immunohistochemical reaction. All immunostained cells were quantified with the aid of the graticule of 1 cm² coupled in light microscope with 10x eyepiece and 40 x objective, were quantified 40 fields in every fragment of the CNS. Results were expressed in number of cells per mm². When comparing the population of B lymphocytes in cattle and horses, we found a statistically significant increase of these cells in cattle in relation to horses (p = 0.0006). By analyzing